

- 1 Paródia, paráfrase & Cia.
Alfonso Romano de Sant'Anna
- 2 A personagem
Néda Bartelme Golib
- 3 A personagem
Beth Brat
- 4 O foco narrativo
Ligia Chiappini Moraes Leite
- 5 A personagem
Jorge de Sá
- 6 Versos, sons, ritmos
Norma Goldstein
- 7 Erotismo e literatura
Eduas Antônio Durigan
- 8 O signo
Rodolfo Iian B. João Wanderley
Gerald
- 9 A pesquisa sociolinguística
Fernando Tarallo
- 10 Pronúncia no inglês norte-
americano
Martha Stenberg
- 11 Ramos da literatura inglesa
Maira Elia Cavesso B. Valter
- 12 Teorias da comunicação
escrita
Indroo Bikstein
- 13 O caráter social da ficção do
Brasil
Eduas Lucas
- 14 Base teórica: a literatura de
mercado
Muniz Sodré
- 15 O signo
Isaac Epstein
- 16 A pesquisa sociolinguística
Marian Garcia Mendes
- 17 Linguagem e persuasão
Adilson Cilelli
- 18 Para uma nova gramática do
Português
Maurício Perini
- 19 A televisual
Samira Youssef Campedelli
- 20 A poesia lírica
Sabele de Almeida Cara
- 21 Períodos literários
Ligia Chiappini Moraes Leite
- 22 Informática e sociedade
Antonio Nicolau Youssef B.
Vicente Paz Fernandez
- 23 Espaço e romance
Olivier Dumas
- 24 O livro
Flávio R. Kotte
- 25 Sonho e loucura
José Roberto Woll
- 26 Ensino da gramática:
qual a importância?
Evaristo Bichara
- 27 Morfologia inglesa – noções
introdutórias
Martha Stenberg
- 28 Linguagem e música popular
brasileira
Waldenir Caldas
- 29 Estrutura da notícia
Nelson Lago
- 30 Conceito de paráfrase
Maira Elia Cavesso B. Durval
Nogueira
- 31 O inconsciente – um estudo
crítico
Alfredo Neflan Neto
- 32 A personagem
Zezia Borge Ali Ramadam
- 33 O trabalho na América Latina
colonial
Ciro Faramon S. Cardoso
- 34 Umbanda
Ciro Faramon S. Cardoso
- 35 Teoria da informação
Isaac Epstein

PRINCÍPIOS

Fernando Tarallo

Doutor em sociolinguística pela Universidade da Pensilvânia
Professor da Universidade Estadual de Campinas e da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A PESQUISA SOCIO- LINGÜÍSTICA

2.ª edição

 editora ática

Lista de figuras e tabelas

FIGURAS

- 1 — Diagrama dos componentes da narrativa_____26
- 2 — Gráfico do uso de três variantes relativas em textos de *media*_____61
- 3 — Estratificação socioestilística de <el> em Norwich_____69
- 4 — Estratificação estilística e etária de <el> em Norwich_____69
- 5 — Retenção pronominal em três funções sintáticas através de quatro períodos de tempo_____76
- 6 — Frequência de uso de três estratégias de relativização em quatro períodos de tempo_____77
- 7 — Frequência de uso de três estratégias de relativização comparadas à retenção pronominal em função do objeto de preposição em quatro períodos de tempo_____78

TABELAS

- 1 — Centralização e sentimento em relação a Martha's Vineyard_____51
- 2 — Efeito estilístico sobre o uso de relativas com pronomes-lembrança_____53
- 3 — Percentagem de uso de pronomes-lembrança de acordo com estilo e classe social_____53
- 4 — Percentagem de uso de três variantes relativas em textos de *media*_____60
- 5 — Desenvolvimento de cinco variáveis do espanhol por grupos etários_____66
- 6 — Estratificação social de cinco variáveis do espanhol do Panamá_____67

Direção

Benjamin Abdala Junior
Samira Youssef Campedelli

Preparação de texto

Sueli Campopiano

Projeto gráfico/miolo

Antônio do Amaral Rocha

Arte-final

René Etienne Ardanny
Joseval Souza Fernandes

Capa

Ary Almeida Normanha

ISBN 85 08 00706 X

1986

Todos os direitos reservados
Editora Ática S.A. — Rua Barão de Iguape, 110
Tel.: (PABX) 278-9322 — Caixa Postal 8656
End. Telegráfico "Bomlivro" — São Paulo

Sumário

1. A relação entre língua e sociedade	5
Palavras iniciais, 5; Breve histórico da sociolinguística quantitativa, 7; A variável e as variantes linguísticas, 8; Variantes-padrão/não-padrão, conservadoras/innovadoras, estigmatizadas/de prestígio, 11; Próximas atrações, 14	
2. O fato sociolinguístico	17
Teoria, método e objeto, 17; A língua falada. O vernáculo, 19; O paradoxo do observador, 20; O método de entrevista sociolinguística: a coleta de narrativas de experiência pessoal, 21; A narrativa, 23; A comunidade e a seleção de informantes, 26; As células sociais, 28; O dado não-natural, 30; A coleta de dados: conclusão, 31	
3. A variação linguística: primeira instância	33
O envelope de variação, 33; As armas e as artimanhas das variantes: fatores condicionadores, 36; A operacionalização do modelo, 39; O encaixamento linguístico da variável, 42; Os fatores extralinguísticos, 46	
4. A variação linguística: segunda instância	49
A avaliação de variáveis sociolinguísticas: o informante, 49; A situação de teste: estilo e classe social, 52; Testes de percepção versus testes de produção, 55; A variação e a normalização linguísticas, 57; Gramática e estilo, 61	
5. Variação e mudança linguísticas	63
Contemporização ou morte?, 63; A faixa etária: o tempo aparente, 65; O tempo real: fontes históricas, 70; A viagem de ida e de volta: do presente ao passado e de volta ao presente, 74	
6. Conclusões	80
A grande vitória: o final afinal!, 80; Os universais variáveis, 83	
7. Vocabulário crítico	85
8. Bibliografia comentada	89
Livros didáticos, 89; Antologias, 91; O trabalho de Labov, 93; Sugestões de leitura, 95	

1

A relação entre língua e sociedade

Palavras iniciais

Tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto. Na verdade, a reação humana frente ao caos, seja ele de que natureza for, é de ansiedade. Este livro propõe a você maneiras possíveis de se combater o “caos” linguístico: você irá enfrentar o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada.

A partir dos inúmeros exemplos de situações sugeridas no texto, você desde logo observará que o “caos” basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (dormente chamadas “variantes linguísticas”) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte. Para auxiliá-lo na resolução desses impasses apresentados no texto (ou de outros com os quais você venha a se defrontar em suas atividades futuras de pesquisador da área), proporei um ponto de partida básico

para suas análises, ao qual você poderá retornar sempre que houver necessidade: a relação entre língua e sociedade. Munície-se desta relação e tire dela todo o proveito teórico e metodológico possível! No entanto você poderá se questionar: mas essa relação não é óbvia?

Tal relação, defendida arduamente pelos seguidores do modelo de concepção estruturalista da linguagem das décadas de 20 e 30, foi sutilmente abandonada pela escola gerativo-transformacional. Lembre-se de que, segundo Chomsky (1965), o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. Dentro desse modelo de análise, você nem deveria aceitar o desafio por mim proposto, uma vez que a comunidade linguística é homogênea. Não haverá heterogeneidade ou "caos" para se sistematizar!

Esse falante-ouvinte ideal, no entanto, não parece ser tão "falante-ouvinte", nem tampouco "ideal". A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudesses ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala serão nossos principais objetivos. O modelo de análise a ser desenvolvido neste livro é o que se convencionou denominar "teoria da variação linguística". Trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o "caos" linguístico como objeto de estudo. Como esse modelo, por princípio, não admite a existência de uma ciência da língua

gem que não seja social, o próprio título "Sociolinguística" fica redundante. No meio social as variantes coexistem em seu campo natural de batalha. É o uso mais ou menos provável de uma ou de outra que iremos analisar.

Breve histórico da sociolinguística quantitativa

O iniciador desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov. Não que ele tenha sido o primeiro sociolinguista a surgir no cenário da investigação linguística. Modelos do passado mais distante, e também do mais recente, certamente o inspiraram na sua concepção de uma nova teoria. Nesse sentido podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. Assim sendo, tem-se em Ferdinand de Saussure um sociolinguista! O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), vários outros se seguiram: estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966); a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque, e estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros. Além desses, uma enorme quantidade de estudos lin-

guísticos de outras comunidades de fala já foi realizada por outros pesquisadores da área: sobre o espanhol falado na cidade do Panamá; sobre o espanhol falado por porto-riquenhos residentes nos Estados Unidos; sobre o inglês falado em Norwich, Inglaterra, e em Belfast, Irlanda; sobre o francês falado na cidade de Montreal, Canadá; e sobre o português falado nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

O modelo de análise linguística proposto por Labov é também rotulado por alguns de "sociolinguística quantitativa", por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

A variável e as variantes linguísticas

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de "variantes". "Variantes linguísticas" são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de "variável linguística".

Vejamos um exemplo! No português falado do Brasil, a marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN; constituinte frasal mínimo, composto de um núcleo substantivo obrigatório, modificado por determinantes e adjetivos) encontra-se em estado de variação. Tem-se aqui um exemplo de variável linguística: a marcação do plural no SN. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas, as adversárias do campo de batalha da variação: a variante (1) é a presença do segmento fônico /s/, e a variante (2), em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma "zero". Para assinalar a variável, usaremos parênteses angulares < >, os quais, segundo a

convenção do modelo, indicam a variação do item linguístico analisado. Para as variantes serão usados colchetes. Assim, tem-se:



O plural no português é marcado redundantemente ao longo do SN: no determinante, no nome-núcleo e nos modificadores-adjetivos. A variação na marcação do plural no SN pode, portanto, tomar as seguintes formas:

1. aS meninasS bonitas
2. aS meninas bonitaφ
3. aS meninaφ bonitaφ

Isto é, em (1), nosso suposto falante reteve a marca de plural ao longo do SN, espelhando assim em seu desempenho linguístico a norma-padrão do português. Em (2), o falante retém a variante [s] na posição de determinante e de nome-núcleo, mas lança a variante [φ] para a posição de adjetivo modificador. Em (3), o falante utiliza-se da variante não-padrão [φ] nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial. Essa variação, como será exposto no capítulo 3, se mantém tanto a nível de grupo como a nível individual.

Os estudos do espanhol falado na cidade do Panamá e pelos porto-riquenhos residentes na Filadélfia demonstram que à variável <s> de pluralidade correspondem três variantes principais: duas delas, o [s] e o [φ], são idênticas às encontradas no sistema de variação do português

falado do Brasil, enquanto a terceira, uma fricativa aspirada, apesar de não-padrão, mantém a marca de pluralidade no SN. Assim, em espanhol, tem-se:



Igualmente, podemos imaginar combinações a que o falante do espanhol panamenho ou do porto-riquenho está acostumado, como em:

1. laS cosas bonitas
laH cosaH bonitaH
2. laS cosas bonitaφ
laH cosaH bonitaφ
3. laS cosas bonitaφ
laH cosaφ bonitaφ

Esses dois exemplos de variação, assim como outros a serem apresentados, podem ser sistematizados. Tal sistematização consiste primordialmente em:

- 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) análise dos possíveis fatores condicionadores (lingüísticos e não-lingüísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);

4) encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade: em que nível lingüístico e social da comunidade a variável pode ser colocada;

5) projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança lingüística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes.

Uma vez feita a análise segundo o modelo proposto, o aparente "caos" desaparecerá e a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias lingüísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não-lingüísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica. Trata-se, portanto, de um sistema lingüístico de probabilidades. Variação livre (ou não-condicionamento das variantes), como a preconizavam os estruturalistas das décadas de 20 e 30, não encontra respaldo neste modelo de análise lingüística.

Variantes-padrão / não-padrão, conservadoras / inovadoras, estigmatizadas / de prestígio

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-

-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [ʃ], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão.

Nem sempre, no entanto, a coincidência entre os três pares acima é verificada. Vejamos dois exemplos de situação conflitante: o primeiro reflete as previsões do modelo sociolinguístico; o segundo amplia a dimensão que atitudes sociolinguísticas podem alcançar.

Em seu estudo sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque, Labov observou duas maneiras distintas de se pronunciar o fonema /r/ pós-vocálico. Essas duas formas são: a presença do segmento fônico ([r]) vs. sua ausência ([ʃ]) em contextos fonológicos idênticos. Por exemplo, em posição final de palavra, como em *car*, o /r/ foi ou expresso ou apagado; igualmente, em posição interior travando uma sílaba, como na palavra *carri*, o /r/ foi realizado segundo uma ou outra das duas variantes. Os resultados da análise demonstraram que a ausência do /r/ é estigmatizada socialmente (isto é, não faz parte do "bom falar nova-iorquino") e a presença do segmento é considerada a variante de prestígio. Ainda mais significativo, a análise concluiu que ao *status* social mais elevado de um falante corresponde o uso mais frequente do [r].

Não há nada inerente ao /r/ pós-vocálico que o defina como "bom", "ruim", "correto" ou "incorreto". Trata-se somente de uma questão de atitude sociolinguística dos membros de uma comunidade. Na Inglaterra, por exemplo, a pronúncia do /r/ pós-vocálico é estigma-

tizada socialmente; uma situação de variação, portanto, radicalmente oposta à encontrada na cidade de Nova Iorque. Uma perspectiva histórica indica que até a Segunda Guerra Mundial era a ausência do /r/ a forma de prestígio em Nova Iorque, e sua pronúncia era estigmatizada socialmente. O sistema de variação do /r/ pós-vocálico, portanto, virou de cabeça para baixo: agora tem prestígio quem pronuncia o /r/ pós-vocálico! Os resultados da análise de Labov também concluem que a pronúncia do /r/ pós-vocálico, ao assumir prestígio sociolinguístico na comunidade, tende a ser exagerada. Tal exagero ecoa mais fortemente na classe social média-alta e na faixa etária mais jovem.

Mas nem sempre é esse o caso! O exagero pode ser exercido sobre variantes que não gozam de prestígio sociolinguístico. Novamente a explicação deverá ser procurada na configuração social da comunidade em questão. Vejamos, portanto, uma situação de variação que reflete o exagero de uma variante conservadora, não-padrão e estigmatizada. A comunidade é a ilha de Martha's Vineyard no Estado de Massachusetts, estudada por Labov em 1963. Essa comunidade, durante muito tempo, relativamente isolada da costa da Nova Inglaterra, experimentou mudanças sociais dramáticas decorrentes da invasão de veranistas do continente. Tais mudanças sociais tiveram consequências linguísticas extremamente interessantes. O campo de batilha de variação encontrado nessa ilha mostrava-se nas duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal-núcleo dos ditongos /au/, como em *house*, e /ay/, como em *right*. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada é a pronúncia da vogal-núcleo como um *schwa*: [əu]; [əy]. A variante mais recente, inovadora e de prestígio, pois se assemelha à pronúncia do inglês-padrão, é a forma trazida pelos veranistas invasores da ilha. Como analisar essa situação de variação?

Somente o encaixamento sociolinguístico da variável na comunidade poderá explicar o resultado aparentemente contraditório a que o estudo chegou: a variante conservadora, não-padrão e estigmatizada é a forma linguística mais forte dentro da comunidade. A pronúncia de *house* como [haus] tornou-se *marca local* e está sendo exagerada pelos membros da comunidade. Os habitantes da ilha começaram a ressentir a invasão dos veranistas e a exploração econômica decorrente: assim, atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado. A tendência ao exagero da forma conservadora é ainda mais acentuada entre os jovens da comunidade que, após um tempo de permanência no continente, voltaram e se estabeleceram na ilha.

É evidente que a centralização do ditongo em Martha's Vineyard é somente um dos traços linguísticos que definem a língua falada na ilha. Os exemplos relacionados sugerem, portanto, que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Próximas atrações

Mas, para que você possa tirar o maior proveito possível da linha de trabalho sugerida neste volume — a relação entre língua e sociedade —, é necessário que este manual seja elaborado. Nossa intenção principal é que, com todas as limitações que um livro introdutório naturalmente contém, você possa, a partir das idéias, conceitos, exemplos e problemas aqui apresentados e discutidos, vencer uma batalha ainda maior: a de descrever, analisar e resolver as batalhas travadas entre variantes linguísticas.

Passemos, portanto, às próximas atrações! O capítulo 2 será um momento de reflexão sobre o fato linguístico deste modelo de análise sociolinguística: o que deve ser descrito e analisado! A metodologia de coleta de dados será apresentada detalhadamente para que você possa aprender a constituir seu objeto de estudo. Também nesse capítulo 2 você deverá refletir sobre a relação entre teoria, método e objeto de estudo.

O capítulo 3 traz como título “A variação linguística: primeira instância”. Nele serão discutidos os seguintes aspectos da análise sociolinguística: a preparação e a definição do envelope de variação: o elenco das variantes concorrentes dentro de uma variável; o levantamento das hipóteses: quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos podem estar controlando o processo de uma variável; a primeira apreciação da variável pelo analista: como o esquema de variação em um aspecto específico da gramática falada se encaixa dentro do sistema da fala, em seu conjunto maior? E ainda, como tal esquema parece se encaixar no sistema social da comunidade de falantes?

O capítulo seguinte, “A variação linguística: segunda instância”, tratará da avaliação sociolinguística de variáveis pelos próprios falantes da comunidade. Nesse sentido serão discutidos: a noção de estereótipos, marcadores e indicadores sociolinguísticos; a questão sobre variação e normalização linguística; o papel desempenhado pela língua e pelos meios de comunicação de massa na standardização linguística; os parâmetros extralinguísticos: classe social, faixa etária, sexo, etnia, estilo.

O capítulo 5, “Variação e mudança linguísticas”, enfoca a questão da linguística histórica: a transição e a implementação de variantes, de um momento do sistema linguístico para outro, e uma revisão da dicotomia saussureana entre sincronia (estudo transversal da língua em um determinado tempo) e diacronia (estudo longitudinal

da língua, através do tempo). Em “Conclusões”, no capítulo 6, retornará a questão maior: a heterogeneidade sistematizável da língua falada.

Apreciaria muito se você, no percurso da leitura deste livro, refletisse sobre a importância da possibilidade de tal sistematização, no sentido não somente de encará-la como um recurso para a resolução de problemas de variação linguística mais imediatos, como também de avaliar a força e o peso de tal modelo de investigação para a solução de questões teóricas de maior abrangência.

Vamos à luta!

2

O fato sociolinguístico

Teoria, método e objeto

Qual é a relação existente entre estes três conceitos: teoria, método e objeto? Como as possíveis combinações entre eles podem *explicar* ou *completar* os caminhos a serem trilhados pelo pesquisador-cientista? Como assegurar que eles mantenham uma relação coesa, ordenada e lógica entre si? Embora essas perguntas não sejam fáceis de responder, vale o esforço da tentativa de responder a elas neste início de capítulo.

Em primeiro lugar, a relação entre os três conceitos é óbvia e imperativa: toda ciência — a linguística, em nosso caso particular — tem uma teoria própria, um objeto específico de estudo e um método que lhe é característico. Mas qual desencadeia o processo da investigação científica? Qual o ponto de partida mais adequado: a teoria, o método ou o objeto? Começemos a responder a essas perguntas a partir da disposição linear em que os conceitos foram apresentados: a teoria. Imagine uma teoria que determine seu método (algo esperado e desejável!) e

seu objeto, ou seja, imagine uma situação de investigação científica em que os pressupostos teórico-metodológicos determinam o objeto de estudo! A teoria e o método de análise forçosamente deverão ter sido elaborados antes mesmo que o objeto tenha sido descrito. Constituirá esse objeto de estudo, então, um verdadeiro e genuíno fato? Ou ainda, poderá tal modelo teórico dar conta de todos os fatos disponíveis para análise? Parece-me que a resposta é negativa! Não só tal modelo não conseguirá analisar todos os fatos disponíveis, como também terá mesmo que criá-los artificialmente para se auto-afirmar. Mas nem só de loucura e desatino deve viver o pesquisador que habita em nós!

Tomemos outro caminho! Uma vez que teoria e método mantêm entre si uma relação lógica, partamos do objeto de estudo. É a partir de sua existência real, com todas as suas inúmeras, infinitas e possíveis facetas, que tentaremos construir um modelo teórico. Nesse sentido, a teoria, em princípio, deverá dar conta de todos os fatos disponíveis, pois, em sua constituição, ela não filtrou os fatos: ela os analisou a todos! O modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente. Em poucas palavras, dentro do modelo de análise proposto neste volume, o objeto — o fato linguístico — é o ponto de partida e, uma vez mais, um porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontrarmos dificuldades de análise. O fato sociolinguístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base para o estudo linguístico: o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também para o levantamento e o lançamento de novas hipóteses. Mas definamos agora o objeto!

A língua falada. O vernáculo

Até este momento da exposição de nossas idéias vimos nos referindo freqüentemente a “língua falada”, mas não a apresentamos ainda em sua forma e essência. Pois bem, aqui está a primeira tentativa de definição: a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enuncia-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística. Evidentemente aquele material que não apresente as características do vernáculo poderá ser utilizado na análise sociolinguística, caso o pesquisador saiba caracterizá-lo devidamente e desde que ele o aproveite com novas hipóteses em mente. (Mais detalhes sobre o aproveitamento desse material seguem no capítulo 4.) Vê-se, por conseguinte, que a natureza do objeto de estudo sempre precederá o levantamento de hipóteses de trabalho e, consequentemente, a construção do modelo teórico. Como coletar, porém, o vernáculo?

Para a análise sociolinguística que segue esse feito é necessária uma enorme quantidade de dados. Como o modelo é de natureza quantitativa, a representatividade do *corpus* (isto é, do material selecionado para a análise) será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo em questão. Uma variável fonológica, como a perda da pluralidade em português, recorre mais freqüentemente na fala do que uma variável sintática, como o uso de orações relativas ou a alternância entre a voz ativa e a passiva. Consequentemente, para se chegar a resultados quantitativos, estatisticamente significativos, sobre a variável sintática, precisa-se de mais material de análise. Uma vez que pretendemos estudar a língua falada em situações *naturais* de comunicação, como então coletar uma vasta quantidade de material, sem que a presença do pesquisador interfira na naturalidade da situação de comunicação?

Uma primeira alternativa seria a de procurar fazer o papel do pesquisador-observador: o pesquisador que não participa diretamente da situação de comunicação. Dessa maneira não será prejudicada a naturalidade da situação! Os antropólogos — linguistas ou não — muito têm se servido desse método de coleta de dados. O sociolinguista, porém, sentirá a necessidade de controlar tópicos de conversa e de elicitar realizações da variável linguística em que esteja interessado. O pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação. É claro que, sendo especialmente interessado na comunidade como um todo, ele também se utilizará do método da observação no momento de adentrar a comunidade de falantes. Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica.

Como resolver, por conseguinte, o paradoxo do observador? Isto é, de um lado, o pesquisador necessita de grande quantidade de dados que somente podem ser coletados através de sua participação direta na interação com os falantes; de outro, essa participação direta pode perturbar a naturalidade do evento. Como solucionar este problema?

O método de entrevista sociolinguística: a coleta de narrativas de experiência pessoal

O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguista, como afirmamos, deve coletar: 1. situações naturais de comunicação linguística e 2. grande quantidade de material, de boa qualidade sonora.

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar.

Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal. Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*. E é precisamente esta situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolinguísta.

Os módulos cobrem uma série de tópicos para fins de conversação: dados pessoais do informante (sua história), jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, amigos, turnas, serviços públicos, o crime nas ruas, escola e trabalho, interação com outros membros da comunidade, esportes etc. O sucesso da aplicação dos módulos poderá variar para cada comunidade de fala, para cada grupo de falantes ou mesmo para cada indivíduo. Cabe, portanto, ao investigador adaptá-los a cada grupo estudado!

A seguir você verá parte do módulo "Perigo de morte", que provou ser o mais eficaz durante a coleta de narrativas de adolescentes negros do Harlem, gueto de Nova Iorque. O módulo, tal como apresentado aqui, foi concebido por Labov e seu grupo de pesquisadores com base em inúmeras aplicações com posteriores aperfeiçoamentos.

Módulo: Perigo de morte

Pergunta 1: Você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo sério risco de vida (uma situação em que tenha dito a você mesmo: "Chegou a minha hora!")?

Pergunta 2: O que aconteceu?

Pergunta 3: Numa situação dessas algumas pessoas dizem: "Bom, seja o que Deus quiser!". O que você acha?

E assim por diante. Esse módulo tem sido usado com bastante sucesso por sociolinguístas brasileiros e, além da tradução sugerida acima, várias outras adaptações podem ser feitas em função do grupo estudado.

Passemos agora à definição de narrativa segundo o modelo proposto por Labov.

A narrativa

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguísta procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma, no entanto, vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamaremos "estrutura narrativa".

Na estrutura narrativa Labov salientou as seguintes partes: resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda, definidas a seguir. Cada uma dessas subpartes é composta de unidades mínimas de narração, denominadas "orações narrativas". Especialmente na complicação e na resolução da ação a ordem dessas orações narrativas não pode ser alterada, pois é sua sequência que marca a ordenação dos eventos, e não qualquer traço morfológico no verbo. Por exemplo:

- a. Aí o Zé deu um murro na cara do Tião,
- b. que caiu no chão.
- c. Então a mulher do Tião chamou a polícia.
- d. E ela chamou mesmo!

Nesse exemplo de complicação e de resolução da ação de uma narrativa, a ordem das orações não pode ser alterada, pois o passado simples perpassa as quatro, isto é, a morfologia do verbo por si só não resolveria questões de anterioridade e de posterioridade dos acontecimentos narrados. O elemento desencadeador e complicador da ação é o fato de Zé ter esmurrado a cara de Tião (evento 1), o qual em seguida caiu ao chão (evento 2), tendo sua mulher chamado a polícia (evento 3). E ela realmente o fez (evento 4), como nos informa o narrador. Qualquer alteração feita a essas quatro orações narrativas acarretaria a dissolução do encadeamento lógico proposto pelo informante.

Nas outras subpartes da narrativa a ordem das orações não é tão rígida. Na orientação, por exemplo, que consiste na introdução das personagens, do local e do tempo de ação, a ordem das orações narrativas pode ser alterada. Assim também na avaliação. No resumo e na coda — o primeiro introduzindo as linhas gerais da ação, e a segunda, a marcação final do tempo da narrativa —, é comum ser a ordem das orações mais fixa.

A avaliação é a parte da narrativa através da qual o narrador procura motivar o destinatário (o ouvinte de seu relato) a valorizar o fato narrado. Ou seja, o narrador pretende com essa parte que o destinatário, seu ouvinte, se veja impedido de (e não se sinta impedido a) fazer a célebre e frustrante pergunta: “E daí?”. Na verdade, nossa experiência em narrar garante-nos que uma história “bem contada” sempre é recompensada por interjeições ou locuções interjetivas de surpresa ou de admiração, do tipo: “Nossa!”, “Minha nossa!”, “E mesmo?”, “Que loucural!”, “Meu Deus!”. A uma história “mal contada” e de pouco interesse para o ouvinte, o narrador fatalmente receberá um desconcertante “E daí?” ou um irônico “E mesmo?!”.
 uestive
 sta o ?

Cabe, portanto, ao narrador, uma vez iniciado um relato, evitar que sua narrativa seja mal recebida.

Não há ordem fixa para o aparecimento da avaliação. Em geral, essa parte segue-se à complicação e precede a resolução. Mas é também muito comum a avaliação seguir a orientação, antes mesmo da complicação da ação. Esse fato pode ser explicado precisamente pela intenção do falante de motivar seu ouvinte a reagir positivamente à sua narrativa. Talvez também a ele se prenda a opção de aparecimento do resumo.

Mas vejamos agora um exemplo de uma narrativa de um adolescente nascido em São Paulo, carregador de pacotes em um grande supermercado e morador de uma das favelas da cidade. O módulo que provocou essa narrativa do informante é uma combinação de família, interação social com outros membros da comunidade e serviços públicos.

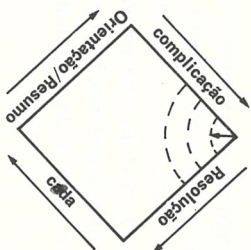
- a. Nós ficô sem luz aí, seis meis sem luz.
- b. Tem uns inquilinu lá né, então,
- c. Tudu barracu qui meu padastru tinha alugadu.
- d. Então um cumeçô num pagá, atrasá c'u alugué,
- e. dipois num pagava luz nem nada.
- f. Aí us otru falaru: “Só nós qui vai pagá, tudu mundu usanu!”
- g. Aí cumeçaru a num pagá tamém,
- h. Um pagá, u otru num pagá,
- i. Aí u meu padastru pegô i cortô.
- j. Num pagô tamém na láiti,
- k. Aí cortaru né.
- l. Aí ficamu sem luz dipois, né.

De acordo com o modelo de narrativa apresentado nesta seção, pode-se facilmente identificar as partes que compõem o relato do informante adolescente paulistano.

O resumo é a primeira oração narrativa; as de letra (b) e (c) constituem a orientação; da oração (d) a (f) surge o elemento complicador da ação, que se resolve nas orações (g) a (k); a coda aparece na oração narrativa (1).

Para finalizar esta seção do capítulo apresentamos o diagrama que resume os componentes da narrativa segundo o modelo laboviano.

FIGURA 1 — Diagrama dos componentes da narrativa



(LABOV, 1972b, p. 369)

A comunidade e a seleção de informantes

Que tipo de comunidade estudar? Pequenas ou grandes? Rurais ou urbanas? Industrializadas ou não? Quais informantes selecionar e quantos? Como entrar na comunidade e fazer os primeiros contatos com os informantes?

Essas são algumas das muitas perguntas que você certamente se fará no início de sua pesquisa. Com o gravador a tiracolo, e uma pequena receita em mente de como realizar um projeto de pesquisa, você, mesmo assim, se sentirá perdido e terá a impressão de estar pisando em cascas de ovos. Aqui vão, porém, alguns conselhos de quem já inúmeras vezes se sentiu tão desamparado quanto você neste momento.

1. Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou, mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes — já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença — se altere ainda mais, e a pesquisa, consequentemente, se torne ainda mais enviesada. Procure, portanto, colocar ao informante os objetivos de sua pesquisa fora do campo da linguagem. Lembre-se também de que, sendo a língua propriedade do grupo estudado, seus informantes poderão se sentir ameaçados e embaraçados.

2. Esclareça sempre ao informante que a fita gravada contendo informações até de natureza pessoal poderá ser inutilizada a pedido do entrevistado, na presença do mesmo.

3. Procure acomodar seu comportamento social e linguístico ao do grupo ou da comunidade entrevistada, isto é, tente minimizar o efeito negativo de sua presença sobre o comportamento sociolinguístico natural da comunidade.

4. Procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade.

5. O critério básico para a seleção de informantes será o da amostragem aleatória. Tal critério deverá ser usado especialmente no caso de a comunidade estudada ser um grande centro urbano. A amostragem aleatória lhe dará a certeza de que você ao menos tenha dado a chance a todos os membros da comunidade de serem entrevistados. A consulta ao censo da comunidade é imprescindível, bem como reflexão cuidadosa sobre os critérios de classificação dos informantes em grupos socioeconômicos.

6. Nos estudos de comunidade estabeleça parâmetros rígidos para a seleção de informantes, como, por exemplo: somente serão entrevistados aqueles indivíduos que ou te-

nham nascido na comunidade em questão ou a ela tenham chegado até os 5 anos de idade. Com isso você evitará que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado.

7. O tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada. Uma variável fonológica, por exemplo, é bastante recorrente na fala; já uma variável sintática ocorre com menos frequência, exigindo, portanto, uma amostragem maior, bem como estratégias especiais para fazê-la ocorrer.

Mas passemos agora ao número de informantes. Quantos devem ser e como organizá-los?

As células sociais

Ao se decidir por estudos da língua falada e pela teoria da variação linguística, você logo se deslumbra com a riqueza dos dados. Tudo se torna subitamente tão interessante que você se inclinará a abrir o leque de opções o máximo possível e a propor projetos de dimensões astronômicas. Tome cuidado! Certas medidas são necessárias para que você possa, por exemplo, afirmar que uma determinada variante é uma marca social de um grupo menos privilegiado economicamente.

Vejam os então algumas situações hipotéticas. Suponha que você deseje estudar a influência de dois grupos socioeconômicos e do sexo sobre o uso de certas variantes. Nesse caso você terá duas células da variável grupo socioeconômico e duas da variável sexo. Veja:

Grupo socioeconômico: A e B (2 células);

Sexo: Masculino e Feminino (2 células).

Para tornar sua amostragem representativa, você precisará de quatro combinações diferentes:

Masculino A;
Masculino B;
Feminino A;
Feminino B.

A seguir, preveja um outro tipo de fator condicionador — faixa etária, por exemplo, — que você suspeite ser significativo para a análise da batalha entre as variantes:

Grupo 1: de 15 a 29 anos;
Grupo 2: de 30 a 45 anos;
Grupo 3: de 46 a 60 anos.

Acrescentando faixa etária às duas outras células sociais, você terá doze possíveis combinações, a saber:

	Sexo	Classe	Idade
1.	Masculino	A	15 a 29 anos
2.	Masculino	A	30 a 45 anos
3.	Masculino	A	46 a 60 anos
4.	Masculino	B	15 a 29 anos
5.	Masculino	B	30 a 45 anos
6.	Masculino	B	46 a 60 anos
7.	Feminino	A	15 a 29 anos
8.	Feminino	A	30 a 45 anos
9.	Feminino	A	46 a 60 anos
10.	Feminino	B	15 a 29 anos
11.	Feminino	B	30 a 45 anos
12.	Feminino	B	46 a 60 anos

Para cada uma das doze células você necessitará de um mínimo de 5 informantes de modo a garantir a representatividade da amostra. Se você incluir somente a variável

grupo socioeconômico, irá necessitar de um mínimo de 10 informantes, 5 para cada grupo. Se as duas células — grupo socioeconômico e sexo — forem incluídas como parâmetros externos aos dados, serão necessários 20 informantes; se você decidir que tanto grupo socioeconômico quanto idade e sexo forem significativos para a análise das variantes linguísticas, um mínimo de 60 informantes deverão ser entrevistados. Como você vê, o trabalho é árduo!

A medida de 5 informantes para cada combinação dos fatores extralinguísticos pode ser-lhe muito útil no momento de definir e caracterizar o universo de sua amostra. Ligar o gravador é muito fácil, mas refleta e pondere muito sobre o tipo e a quantidade de material que você pretende analisar. Como elemento estranho à comunidade, não lhe será muito fácil chegar ao vernáculo imediatamente. Afi-se com a comunidade o máximo possível; acomode-se sociolinguisticamente a ela. Você somente terá a ganhar em riqueza de dados sobre as variantes que se propôs a estudar.

O dado não-natural

Uma vez que a conquista do vernáculo não é tão imediata, o que fazer com o material que não represente o vernáculo, tal como definido neste capítulo? Deverá o pesquisador inutilizar esses dados não-naturais do *corpus*? A resposta é não! Evidentemente o aproveitamento desses dados será especial, pois eles poderão inspirar novos objetivos.

Você poderá usar o dado não-natural para estabelecer uma hierarquia estilística do desempenho do informante: de formal (não-natural) a informal (natural); de cuidadoso (não-natural) a casual (natural). Obviamente operacionalizar essas dimensões é um processo complicado,

mas seu conhecimento dos dados e dos informantes lhe fornecerá caminhos.

Para que esse conhecimento de seus dados e de seus informantes seja completo, é recomendável diagramar a entrevista. A diagramação consistirá em recortes da entrevista em termos de: 1. dado-resposta à pergunta do entrevistador vs. dado espontâneo do entrevistado; 2. narrativas provocadas por módulos vs. narrativas espontâneas; 3. número de intervenções do entrevistador; 4. narrativas subsequentes, provocadas ou espontâneas, etc. A diagramação é uma forma mais prática de comparar a naturalidade dos dados de duas ou mais entrevistas. Fazendo essa comparação para um mesmo informante entrevistado mais de uma vez, você observará que a última entrevista sempre contém mais o vernáculo que as anteriores.

Além do dado não-natural que forçosamente estará gravado em sua fita cassete, você poderá elaborar testes de língua sobre as variantes estudadas a fim de ampliar o escopo estilístico. Nesse momento você dirá a seu informante que o teste é de língua. Com o teste você terá ampliado a dimensão estilística a um terceiro nível: dado natural e não-natural da entrevista, e teste. O último irá refletir um estilo ainda mais pensado, mais intencional que o dado não-natural da entrevista, pois você terá lembrado ao informante que preste muita atenção a questões de linguagem. Essa situação experimental refletirá a avaliação dada pelo informante às variantes: padrão vs. não-padrão; estigmatizada vs. de prestígio.

A coleta de dados: conclusão

Depois de ter lido este capítulo, você talvez até sinta vontade de desistir da pesquisa sociolinguística. Meus conselhos soam imperativos, e os cuidados a se tomar são

multos. Não desanime! Quanto mais tempo você passar no campo, coletando dados, mais criativo você se tornará em relação às possíveis maneiras de minimizar o efeito negativo causado por sua participação direta na interação.

Nos próximos capítulos você entrará em contato com resultados de análises já realizadas sobre o português falado no Brasil. Você então se convencerá de que todo esse trabalho de coleta é extremamente útil e gratificante, e que a análise fluirá naturalmente dos dados coletados.

3

A variação linguística: primeira instância

O envelope de variação

Não há loteria sem apostadores; futebol, sem adversários; guerra, sem soldados, nem tampouco “caos” linguístico, sem variantes! Em todas essas situações de competição, a presença de um mediador faz-se necessária para que o conflito se resolva. Como pesquisador-sociolinguista, sua missão é analisar a situação de conflito e, com base em sólidos e firmes argumentos, desmascarar a sistematicidade do “caos”.

Para alcançar esse objetivo é necessário um conhecimento acurado das adversárias. Enfim, para que você seja um excelente juiz e mediador dessa batalha, é imprescindível que, em primeiro lugar, apresente, defina e caracterize detalhadamente cada uma dessas concorrentes. É somente a partir do perfil individual das variantes que você poderá explorar as armas de que cada uma dispõe, bem como avaliar os contextos mais favoráveis à derrota de uma e à vitória de outra. A essa descrição detalhada das variantes daremos o nome de envelope de variação. O enve-